Os objetivos da Secretaria de Cinema

PÁGINA 3

2

Jornal de Brasília

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL, QUINTA-FEIRA, 24 DE DEZEMBRO DE 1992

Opções em vídeo para entrar no clima do Natal

PÁGINA 6

DF - Cultura

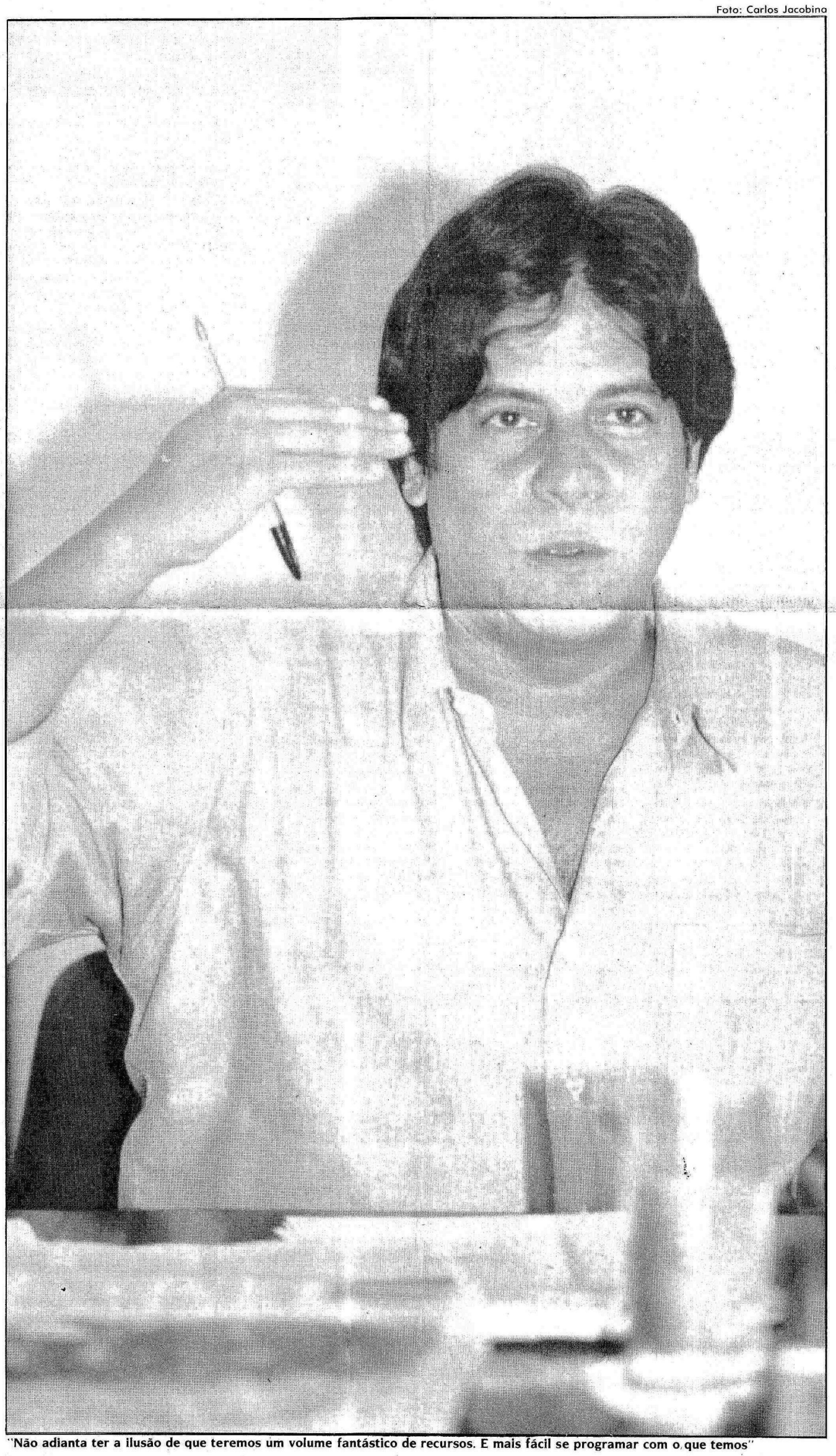
A fusão que não deu certo

FERNANDO LEMOS ADMITE QUE AS SECRETARIAS DE CULTURA E COMUNICAÇÃO PODEM FUNCIONAR SEPARADAS NO ANO QUE VEM

ANAMARIA ROSSI

O jornalista Fernando Lemos, secretário de Cultura, Esportes e Comunicação do DF, anuncia a separação das duas pastas e garante que não será adido cultural da Embaixada brasileira em Portugal. Ele faz um balanço positivo do ano, mesmo tendo reduzido a 15% o orçamento inicial da Secretaria. Lemos reforça as prioridades já anunciadas: recuperação e ocupação dos espaços, formação e informação cultural através de oficinas. "Semeamos e agora vamos colher", avisa. Na sua avaliação, o 25º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro foi uma das grandes realizações do ano: "Fizemos um Festival sem filmes mas com ótimas conseqüências políticas". Ele se prepara para 1993 com um orçamento "realista" para a Cultura.

Foto: Carlos Jacobina



"Não adianta ter a ilusão de que teremos um volume fantástico de recursos. E mais fácil se programar com o que temos"

Jornal de Brasília — **Comenta-se sobre a sua saída da Secretaria de Comunicação, para assumir integralmente a de Cultura e Esportes, e também sobre um convite para ser Adido Cultural da Embaixada brasileira em Portugal. O que você pretende fazer?**

— **Fernando Lemos** — Portugal não tem a mínima possibilidade. Nem houve convite, porque não existe mais o cargo de Adido Cultural. Esse cargo, para não diplomatas, foi tão desmoralizado pelo governo Collor, que o TCU extinguiu o cargo. Não existe a possibilidade de levar ninguém que não seja diplomata.

— **Mas é só por isso que você não vai?**

— Não, não é só por isso. Nunca pensei nessa possibilidade. Eu ajudei muito o José Aparecido, continuo ajudando, gosto muito dele, acho que ele vai ser um grande embaixador, tenho muitos amigos em Portugal, mas nunca conversamos sobre isso.

— **E quanto a deixar a Comunicação e ficar só com a Cultura?**

— Isso é muito provável. A Comunicação dá trabalho demais, toma muito tempo, e por isso a fusão das duas secretarias não deu certo. Já conversei muito com o governador sobre isso. Chegamos à conclusão de que era mais conveniente separar de novo, e o governador sugeriu que o Turismo venha para a Cultura. Pelo projeto aprovado o Detur sai da Secretaria de Indústria e Comércio e vem para a Secretaria de Cultura. Isso deve acontecer no início de janeiro.

— **O comentário geral por parte dos artistas durante esse último semestre foi de que tanto a parte burocrática quanto os espaços da Fundação Cultural, sobretudo o Teatro Nacional, estavam um pouco abandonados. Você acha que isso poderia ter sido evitado se você não tivesse se dividido entre a Comunicação e a Cultura?**

— Primeiro, eu não concordo com isso. É claro que quanto mais tempo você dedica, melhor as coisas acontecem. Mas a equipe montada na Secretaria tocou muito bem o trabalho. O que houve com o Teatro Nacional foi a mudança de administrador, o que sempre gera alguns probleminhas. Mas não chegou a nós nenhuma reclamação. Ao contrário. Neste período melhoraram as condições de trabalho, os salários, muita coisa no Teatro Nacional, que estava em condições muito piores.

— **Como você avalia o primeiro ano da sua gestão?**

— Foi muito bom. A gente semeou e agora vai colher. Fizemos uma mudança de enfoque muito grande, a coisa está preparada para deslanchar no próximo ano. E no final do ano começou a dar tudo certo. O Festival de Cinema, que todo mundo dizia ser difícil fazer sem filmes, a gente acabou fazendo o melhor Festival da história de Brasília.

— **Em que aspecto você considera este o melhor Festival?**

— Foi um festival sem filmes, mas que organizou, de forma duradoura, a questão política do cinema. Durante o Fórum, três ministros de Estado discutiram com os cineastas os problemas do cinema, e isso teve conseqüências. No último dia 15, um grupo de cineastas esteve com o ministro Paulo Haddad levando o resultado do Fórum. O próprio Haddad sugeriu a criação da Câmara Setorial do Cinema. O Fórum inaugurou isso, funcionou como uma câmara setorial. As pessoas mais diferentes chegaram a essa conclusão. A frase síntese disso me foi dita pelo Hermano Penna. Ele me disse que esse foi o melhor Festival de Cinema que já houve, porque organizou politicamente as pessoas, todo mundo saiu daqui sabendo o que fazer. Um Festival não se faz só com filmes, com uma competição maravilhosa. Essa articulação política é resultado do Festival. Se a gente não tem filme, faz um festival político.

— **Você está satisfeito com o andamento do Pólo de Cinema? Esse emperramento burocrático não é frustrante?**

— Muito satisfeito. É claro que o emperramento burocrático frustra. Mas não é isso. O que aconteceu foi reflexo do que o cinema está atravessando. O edital foi claro, exigindo garantia real das pessoas. Mas ninguém tem essa garantia, porque o cinema está falido. E como se faz um financiamento sem garantia real? O que a gente fez foi uma concessão do governador, no final de novembro, sem que os cineastas apresentassem garantia real. Ele fez um decreto flexibilizando essa questão, e a partir daí deslanchou. Tivemos uma série de problemas de caixa, os recursos minguaram, mas já saíram três financiamentos, estão saindo mais dois e no início do ano continuam a sair, até que cheguemos a um novo edital.

— **Quais são os projetos para o Pólo em 1993?**

— Mudança da sede para o Parque da Cidade, construção da sede, definição do Pólo Industrial ao redor da área do Pólo de Cinema, continuação dos financiamentos e continuação dos cursos de formação de mão-de-obra, além das obras de infra-estrutura. Estamos pensando em criar, no próximo edital, um incentivo às pessoas que filmarem em Brasília, para que se utilize e forme mais mão-de-obra de Brasília.

— **Em que medida a indefinição da Reforma Administrativa prejudicou o primeiro ano da sua gestão?**

— A gente tinha feito uma estruturação nova que foi prejudicada. Mas as coisas foram feitas nessa direção independente da Reforma. O departamento de oficinas foi estruturado, foram distribuídas as bolsas no final do ano, o projeto *Oficena* também foi feito nessa linha. E vai ser feito novamente em 93. Já estamos conversando com a Encol para realizar um trabalho do mesmo tipo. Pode ser a ópera do Elomar, mas ainda não está definido. Esse é um tipo de trabalho com oficinas. Outro é quando o governo compra uma oficina e chama as pessoas. Ainda não foi feito por falta de recursos, mas é uma possibilidade. Outro, ainda, é o sistema de bolsas, que envolveu mais de 400 pessoas e mais de 50 oficineiros em 92. E o que vamos fazer no início do ano é a reativação, em convênio, da Fundação Ballet do Brasil. Aquele espaço vai funcionar como um centro de oficinas. O Endança já começa, em janeiro ou fevereiro, com oficinas na Funbalé, dentro do programa de oficinas.

— **O que já foi feito pela questão dos espaços culturais em 92 e o que ainda está por fazer?**

— A criação do Núcleo dos Espaços aqui na Secretaria foi o principal fato. O núcleo estudou o que é preciso fazer nos espaços. O levantamento mais detalhado é o do Teatro da Praça em Taguatinga. As obras começam em janeiro, em convênio com a Fundação Educacional. A gente desistiu de fazer uma reforminha, porque Taguatinga precisa é de um centro cultural, e foi feito um projeto nesse sentido. Esse núcleo está acompanhando as obras da 508 Sul. Nossa sugestão para a Moa é inaugurar em junho, abrindo o que for possível: toda a parte administrativa, as salas de oficinas, as duas salas menores de espetáculos, no térreo, a praça central de convivência, as galerias e a biblioteca. Ficaria faltando apenas o Galpão, que é um cineteatro maior. A obra física fica pronta em maio, em junho os espaços serão equipados com a ajuda da Moa. Numa segunda etapa, equiparemos a grande sala, o estúdio de som e a sala de vídeo.

— **E os outros espaços?**

— Para a reativação da sala Funarte, a gente está trabalhando junto com o B. de Paiva e o Ferreira Gullar, do Ibac. Teremos quatro centros de atividades de formação: a Funarte, a Casa do Teatro Amador, a Fundação Ballet e o MAB.

— **Com que recursos a Secretaria trabalhou este ano e qual a previsão orçamentária para 93?**

— Esse ano a gente trabalhou com 15% do orçamento previsto e realizou, em termos reais, 20% do que houve de recursos no ano passado. Agora, a gente não tem mais um orçamento irrealista. Vamos jogar com a realidade. O orçamento está em cerca de Cr$ 14,2 bilhões, em valores de abril de 92. Não adianta teremos ilusão de que ter em um volume fantástico de recursos. É mais fácil se programar com o que temos. Vamos definir um calendário cultural e o que não estiver no calendário vai para o Faac ou para o edital. O Faac já está cumprindo sua função, teve 20 projetos aprovados envolvendo cerca de Cr$ 500 milhões em 92. E a Orquestra, esse ano, vai deslanchar mesmo. Melhoramos a questão salarial e definimos o maestro titular, além de um projeto para direcionar a Orquestra. Júlio Medaglia já começa o ano como o novo maestro. E pretendemos envolver outras orquestras num único projeto, ligadas à OSTN. E vamos continuar tocando outros projetos, como a Ludoteca Pública, o Gran Circo Lar, com atividades para menores de rua, e também os cursos internos de formação para assessoramento na elaboração de projetos e prestação de contas.